
DIÁLOGO DO USO DO SOLO NA AMAZÔNIA

Centro de Endemismo Belém

Nota Conceitual¹

O Diálogo do Uso do Solo é uma plataforma de participação de múltiplas partes interessadas para reunir conhecimento e liderar processos para possibilitar negócios responsáveis, melhor governança e desenvolvimento inclusivo em paisagens.

Principal desafio

O grande desafio para a região é desenvolver maneiras de utilizar, sem destruir, o valioso capital natural, e inovar com atividades produtivas capazes de gerar emprego e renda para a população local. Os cerca de 140 municípios que compõem essa região são caracterizados por baixos Índices de Desenvolvimento Humano (IDH) e altos Índices de Desigualdade (Gini). Ou seja, os desafios são imensos no que diz respeito à necessidade do desenvolvimento de atividades produtivas que aliem a proteção e a recuperação do capital natural.

Os diferentes cadastros de imóveis e a diversidade de órgãos públicos que os gerenciam (REYDON et al.; IMAFLORA, 2018)² tornam a tarefa de construir uma malha fundiária confiável um enorme desafio para todo o Brasil. São inúmeras sobreposições dentro dos cadastros e entre os cadastros o que dificulta a integração e o conhecimento objetivo sobre a real situação fundiária do país que por sua vez tem reflexos na difícil tarefa de gestão do território desconhecido.

Sobre o Diálogo do Uso do Solo

O Diálogo do Uso do Solo já contou com [várias edições ao redor do mundo](#) como no Brasil, Gana, Uganda, República Democrática do Congo e Tanzânia. No Brasil, foi realizado em 2016 na região do Alto Vale do Itajaí, em Santa Catarina. Na fase de Diálogo são três estágios da iniciativa como um todo:

- Diálogo de Escopo;
- Diálogos de campo;
- Workshop de Finalização.

Dentre os principais resultados, estão:

- Confiança entre os líderes;
- Próxima fase de engajamento;
- Reuniões com tomadores de decisão;
- Coalizões, como criação de plataformas lideradas por atores locais;
- Impacto na política.

¹ Elaborada com base em informações da Conservação Internacional.

² REYDON, B. F.; FERNANDES, V. B.; SIQUEIRA, G. P. (2018). O cadastro de terras do Brasil a partir de informações oficiais georreferenciadas e disponíveis à sociedade civil. IMAFLORA – Governança de Terras. Campinas – São Paulo.

A primeira reunião da plataforma de Diálogo de Uso da Terra no Centro de Endemismo Belém é uma reunião de escopo, que visa em especial:

- Definir áreas-chave de concordância e discordância (*fracture lines*) sobre o uso do solo no CEB e possíveis lacunas de informação;
- Analisar se as partes interessadas relevantes estão presentes ou se está faltando alguém;
- Determinar se existe um caminho baseado no diálogo para que as partes interessadas façam progressos significativos para alcançar uma visão comum sobre uso do solo no contexto do CEB.

Contexto

As florestas, os rios, as zonas úmidas e as savanas da Amazônia possuem um número incomparável de espécies, fornecem fluxos de água doce que abastecem cidades e garantem a produção de alimentos; contêm estoques de carbono que mitigam mudanças climáticas globais; reduzem os impactos de graves inundações; e fornecem fontes naturais de alimentos, combustível e matérias-primas para comunidades rurais e populações tradicionais.

Com base em diversos trabalho SILVA et al. (2005)³ delimitaram domínios fitogeográficos classificados com base na distribuição de vertebrados terrestres em oito grandes territórios: Guiana, Imeri, Napo, Inambari, Rondônia, Tapajós, Xingu e Belém (figura 1). Este trabalho foi atualizado recentemente com base em estudo que realizou análise biogeográfica detalhada da avifauna da Amazônia Central a oeste do Rio Negro (BORGES, 2007)⁴, região onde está localizado o Parque Nacional do Jaú e inserido o centro de endemismo Jaú como referência de unidade biogeográfica no bioma (BORGES e SILVA, 2012)⁵.

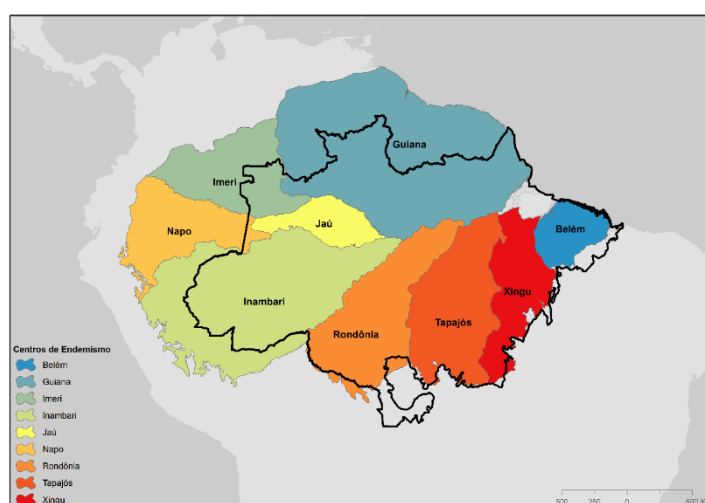


Figura 1 – Centros de Endemismo da Amazônia baseados na distribuição de vertebrados terrestres. Fonte: (SILVA et al., inédito).

³ SILVA, JMC, RYLANDS, AB, FONSECA, GAB. 2005. O destino das áreas de endemismo da Amazônia. Megadiversidade 1(1): 2005.

⁴ BORGES, S. H. (2007). Análise biogeográfica da avifauna da região oeste do baixo Rio Negro, Amazônia brasileira.

⁵ BORGES, S. H. & SILVA, J. M. C. 2012. A New Area of Endemism for Amazonian Birds in the Rio Negro Basin. The Wilson Journal of Ornithology 124(1):15–23.

De acordo com descrição de ALMEIDA e VIEIRA (2010)⁶ “o Centro de Endemismo Belém está localizado na zona fisiográfica do leste do Pará e oeste do Maranhão, possui uma área de 243.000 km², contemplando 27 unidades de conservação, 14 terras indígenas e 147 municípios (62 no Estado do Pará e 85 no Maranhão), entre as coordenadas geográficas 00o 30’ 00” e 06o 00’ 00” de latitude Sul e 44o 00’ 00” e 50o 00’ 00” de longitude Oeste”.

O Centro de Endemismo Belém (CEB) figura como o mais desmatado e ameaçado entre todos dada a ocupação antiga das frentes pioneiras (SILVA et al., 2005)⁷.

Além de provocarem grandes perdas de biodiversidade, fatores como a exploração madeireira, o avanço da pecuária, a expansão da produção de grãos e o forte incentivo à monocultura trazem fortes implicações sócioespaciais para a região, a exemplo do desmatamento voltado para a formação de pastagens e das áreas subutilizadas por produtores agrícolas. Nesse contexto, não se pode desconsiderar que essas terras também são alvos de especuladores, responsáveis por conflitos fundiários que resultam em altos índices de violência, expropriação e expulsão de grupos que passam a ocupar outras áreas ao longo de estradas⁸.

Contudo, é também uma das mais ameaçadas. Cerca de 70% de suas florestas já foram desmatadas ou degradadas, e a pressão é crescente para substituição de vegetação nativa para cultivos agrícolas e pecuária extensiva de baixa produtividade (ALMEIDA, 2010⁹; FEARNESIDE, 2005¹⁰; SILVA et al., 2005¹¹). Considerando os dados de 2013 do Programa Global Forest Watch (HANSEN, 2013) com resolução espacial de 1 Km², o CEB apresentava cerca de 80% do território desmatado e considerando dados do PRODES (INPE, 2014) com resolução de 60m eram cerca de 65% em área desmatada em 2014.

Atualmente, o uso do solo é marcado pelas atividades de exploração madeireira, pecuária, agricultura e expansão de áreas urbanas. As atividades econômicas em expansão incluem setores industriais, agropecuária e extrativismo mineral (IBGE, 2002)⁸.

Na figura a seguir o CEB, anteriormente mais focado no trabalho realizado na Microrregião de Tomé-Açu, foi delimitado pela CI já atendendo a necessidade de ampliação dos limites do mapa para o sudoeste do Maranhão em função da inclusão do Mosaico Gurupi.

⁶ ALMEIDA, A.S.; VIEIRA, I.C.G. 2010. Centro de endemismo Belém: status da vegetação remanescente e desafios para a conservação da biodiversidade e restauração ecológica. Revista de Estudos Universitários, 36: 95-111.

⁷ SILVA, JMC, RYLANDS, AB, FONSECA, GAB. 2005. O destino das áreas de endemismo da Amazônia. Megadiversidade 1(1): 2005.

⁸ Cenários para a Amazônia: Área de Endemismo Belém. Museu Paraense Emílio Goeldi, 2013.

⁹ ALMEIDA, A.S.; VIEIRA, I.C.G. 2010. Centro de endemismo Belém: status da vegetação remanescente e desafios para a conservação da biodiversidade e restauração ecológica. Revista de Estudos Universitários, 36: 95-111.

¹⁰ FEARNESIDE, P.M. 2005. Deforestation in Brazilian Amazonia. Conservation Biology, 19(3):680-688.

¹¹ SILVA, JMC, RYLANDS, AB, FONSECA, GAB. 2005. O destino das áreas de endemismo da Amazônia. Megadiversidade 1(1): 2005

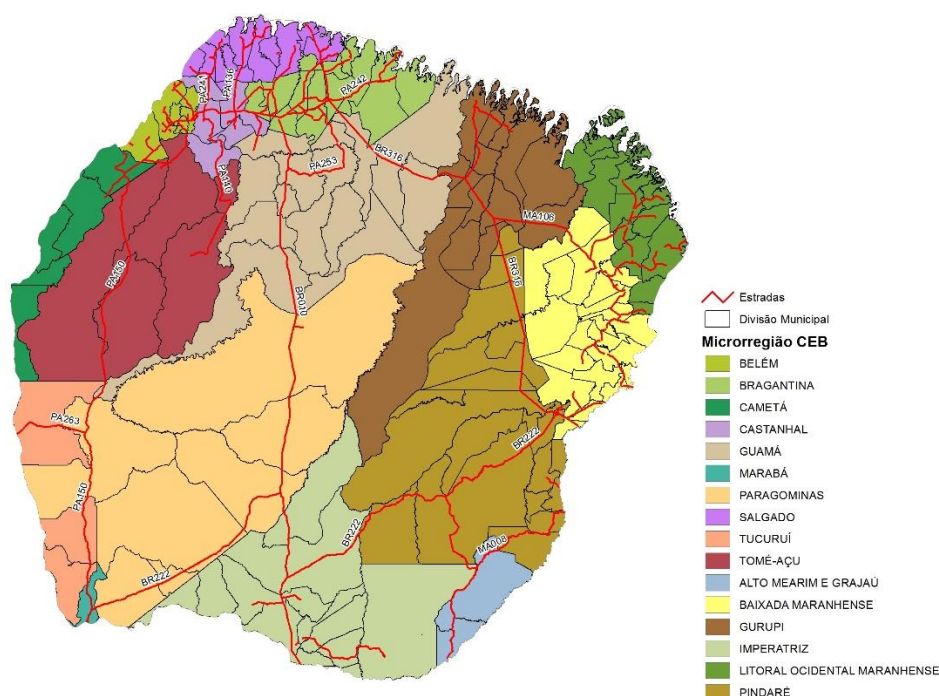


Figura 2 – CEB e Divisão Político-Administrativa – Microrregiões e Municípios (IBGE, 2017)¹³.

Nesta delimitação, o Centro de Endemismo Belém abrange área de aproximadamente 243 mil km² (24 milhões de hectares), situada entre a margem direita do rio Tocantins e as margens esquerdas dos rios Pindaré e Mearim, no estado do Pará. É **uma das regiões mais ricas em biodiversidade no bioma Amazônico**, com importantes fragmentos de Floresta Ombrófila Densa das Terras Baixas (floresta de terra firme).

Resultados esperados

1. Ser uma incursão inicial para entender o estado da arte e pensar no uso do solo na região do CEB;
2. Escutar, aprender e compartilhar uma ampla gama de conhecimentos e experiências;
3. Não dirigir para soluções... ainda. Foco nas principais questões e oportunidades de progresso;
4. Produzir um resumo do Diálogo de escopo pelos co-chairs (co-chairs summary) para divulgação, incluindo as questões-chave identificadas e a decisão de se existe um caminho baseado no diálogo para que haja progressos significativos para alcançar uma visão comum sobre uso do solo no contexto do CEB.

Parceiros:



¹³ Shapefiles do limite do CEB gentilmente cedido pelo Museu Goeldi.